UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO MODA

GIOVANA DE FÁTIMA FRASSATO FERNANDES

SIGNOS DE PODER NO VESTUÁRIO DA DOMINATRIX

Sorocaba/SP

2022

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO EM MODA

GIOVANA DE FÁTIMA FRASSATO FERNANDES

SIGNOS DE PODER NO VESTUÁRIO DA DOMINATRIX

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Projeto de Pesquisa, do curso superior de Moda, da Universidade de Sorocaba – UNISO, como requisito parcial para obtenção do título de bacharelado

Orientador: Prof. Me. José erreira da Silva Neto
Tutora: Prof.ª Me. Laura Mello de Mattos Anacleto

Sorocaba/SP

2022

AGRADECIMENTOS

Eu sou uma pessoa muito emotiva, e devo dizer que de todo a pesquisa, essa parte aqui é a mais difícil. Tentar transcrever todos os sentimentos que existem dentro da minha própria imensidão é uma tarefa que eu demoraria muito mais do que dois semestres para concluir.

Primeiramente, obrigada eu. Obrigada por não ter desistido de si, e obrigada por fazer as coisas mesmo com medo, porque nem sempre ser corajoso significa não ter medo de agir. Quero agradecer, antes de tudo, aos guias que me protegem hoje e sempre me protegeram. Sem eles, sem meus pais de santo e sem minha mãe Iemanjá, eu não estaria aqui e não seria quem eu sou. Obrigada a minha cigana, por nunca soltar da minha mão.

Quero agradecer a minha família, por me dar a oportunidade de estar aqui. Aos meus pais, que desviaram da sua vida em Sorocaba pra me buscar no litoral, aos meus avós que me acolheram nesses três anos, aos meus padrinhos e ao meu tio que hoje já não está mais aqui, mas tenho certeza que apoiaria cada segundo da minha jornada.

Obrigada ao meu namorado, que é muito mais do que só “namorado”. É meu companheiro, meu amigo, meu suporte, meu porto seguro. Obrigada por me acalmar todos os dias e por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Obrigada por segurar minha mão quando eu preciso e me empurrar pra fazer algo quando é necessário.

Obrigada as minhas amigas, Sabrina e Juliana, que caminharam comigo durante esses três anos. Foi tudo dividido, dores, piadas, reclamações, conquistas e até caipirinha nas praias maravilhosas da Cidade Maravilhosa. Obrigada por terem tornado esse curso melhor do que ele é.

Obrigada ao meu primo Gabriel que caminhou comigo nesse último ano, apoiando cada uma das minhas ideias de maluca sem titubear nem por um momento, pois ele tinha certeza que eu sabia exatamente o que eu estava fazendo (eu não sabia).

E por último, gostaria de agradecer a Ana Paula. Gostaria de colocar em palavras o quão importante é sua amizade pra mim, e o quanto foi incrível o universo ter conspirado para nosso encontro. Coincidências assim não acontecem duas vezes, e eu agradeço por isso. Obrigada por ter me apoiado e abraçado meus projetos, por ser minha voz da razão e por fazer parte desse trabalho.

Sumário

1. INTRODUÇÃO 7
   1.1. Objetivos 7
   1.2. Objetivos específicos 7
   1.3. Problemática 8
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 8
   2.1. Primeiras referências dominadoras pré-século XX 8
   2.2. Primeiras influências na mídia e a criação do visual dominatrix na atualidade 13
3. SIMBOLOGIA DE PODER DENTRO DO VESTUÁRIO DA DOMINADORA 18
   3.1. Símbolos fálicos 18
   3.2. Elementos masculinos 25
4. MARCA 29
   4.1. Persona e Arquétipo 29
   4.2. Identidade Visual 30
   4.3. Público Alvo: Singular Woman 31
   4.4. Concorrentes 32
5. COLEÇÃO 34
   5.1. Painel de Tendências 34
   5.2. Inspiração 34
   5.3. Paleta de Cores 35
   5.4. Matérias-primas 36
   5.5. Mix de produtos e mix de moda 37
   5.6. Croquis 38
   5.7. Fichas técnicas 43
6. ENSAIO FOTOGRÁFICO/EDITORIAL 50
7. CONCLUSÕES FINAIS 53
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 54

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo o estudo dos símbolos fálicos que garantem a dominatrix uma carga de poder sobre aquele que se submete a ela e a todos ao seu redor. O objetivo final é o desenvolvimento de uma coleção com inspiração na moda fetichista de maneira não clichê.

Palavras chave: fetiche, dominatrix, poder, símbolos fálicos na moda.

1. INTRODUÇÃO

A roupa tem papel importante não só em como somos percebidos perante a sociedade, mas como nos sentimos. O uso de determinada roupa pode trazer, além da expressão social comum de status, classe social e humor, sensações de poder, autoridade e soberania perante a signos implícitos e explícitos (LURIE, 1997).

A moda fetichista tem em seu histórico uma grande valorização do vestuário como forma de comunicação indireta de seus desejos e posições dentro da comunidade, onde vemos o uso de espartilhos, couro, saltos altíssimos, látex etc., peças e trajes que em sua grande maioria possuem algum elemento fálico denotando poder (STEELE, 1997).

Esse presente artigo busca focar no uso da roupa como ferramenta de comunicação de poder da *dominatrix*, explorando os símbolos e cores que expressam poder dentro do vestuário.

A escolha do tema se deu pelo interesse particular da autora sobre moda e fetiche, principalmente na dinâmica da mulher dominadora dentro e fora do envolto fetichista.

1.1. Objetivos

O objetivo é a criação de uma coleção de moda com peças que representam poder utilizando-se dos elementos estudados, de maneira explícita ou não, onde as peças possam ser usadas tanto dentro do círculo fetichista/BDSMer[1] [1]e como fora e ainda assim serem vistas como roupas que imponham poder.

1.2. Objetivos específicos

- Estudar e analisar símbolos de poder dentro do vestuário da dominatrix ao decorrer dos séculos e implementar de maneira não clichê dentro da coleção

[1] Bdsmer: aquele que pratica o BDSM (bondage/disciplina, dominação/submissão, sadismo/masoquismo.

- Pesquisar o mercado fetichista a fim de conhecer melhor o público que gostaria de usufruir das peças produzidas
- Desenvolver uma coleção que fuja dos clichês encontrados no mercado

1.3. Problemática

O desafio é apresentar uma coleção com expressão de poder e autoridade, trazendo-a para o âmbito fetichista enquanto foge dos “clichês” já gastos no mercado.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1. Primeiras referências dominadoras pré-século XX

O arquétipo da *dominatrix* contraria as normas sociais impostas pelo patriarcado e coloca a mulher dentro de uma posição de superioridade e poder. O homem é feito submisso e obediente e encontra excitação e satisfação nessa posição, em submissão a uma mulher dominante e na segurança e estrutura da disciplina e devoção (NOMIS, 2013, p. 80).

A dominatrix aparece na literatura em torno de 2285-2350 a.C. com a papisa Enheduana que escreve hinos em homenagem à deusa Inanna. Vê-se então um culto a uma mulher poderosa e dominadora que tem em sua representação física acessórios de poder, sendo eles um adorno de cabeça com chifres e um cajado, representando seu status de divindade. Na Figura 1, a papisa está sobre um par de leões e seus pés são de aves de rapina, além das corujas em seu entorno, que são animais que caçam a noite. A autora os descreve como símbolos que unidos trazem a imagem de uma sexualidade feroz, poderosa e sedutora (*Ibidem*. p. 43).

Figura 1 – Rainha da Noite, tributo a Ishtar-Inanna, século 19 A.C., Babilônia.

Fonte: Hispalois, Museu Britânico. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/80/Queen_of_the_Night_%28Babylon%29.jpg. Acesso em 08. maio 2022).

É possível observar desde já a apresentação de símbolos fálicos, o chifre e o cajado. A representação fálica é familiar no cotidiano romano, egípcio, grego e etrusco antigo. Sua imagem traz significados de fertilidade, força, etc. e para os antigos, é o objeto poderoso, perpetuador da vida de todas as espécies do planeta. Frente a maneira pela qual o falo era visto nessa antiguidade, vemos sua supervalorização e ligação com a sexualidade (COSTA; BONFIM, 2012).

A fantasia que antecede a profissão de *dominatrix* vem da imagem erótica de uma mulher em posição superior de poder sexual. Na arte, essa fantasia da dominação feminina sobre um homem foi reproduzida por vários artistas do período Renascentista por quadros, pela literatura, esculturas, aquamantis etc. Como mostra a Figura 2, temos um aquamantil reproduzindo a história de Fílis e Aristóteles.

Figura 2 – Aquamantil representando a dominação de Fílis sob Aristóteles, final do século XIV. Coleção Robert Lehman, 1975.

Fonte: https://www.metmuseum.org/zh/art/collection/search/459202

Como nos conta Nomis (2013, p. 77) a narrativa originária do século XIII segue o filósofo grego Aristóteles enquanto professor de Alexandre (o Grande), a quem ensina que se deve abster de relações amorosas com mulheres já que elas são uma distração para o trabalho sério dos bons homens e como resultado, Alexandre despreza a sua cortesã favorita, Fílis. A mulher muda-se próxima ao filósofo e como forma de vingança, usa de seu charme para seduzi-lo, pedindo uma prova de seu amor, a qual o filósofo cumpre e é humilhado por ela.

> Isso certamente não se concretizará a menos que eu veja uma prova de amor, assim saberei que não está me testando. Sendo assim, venha até mim engatinhando em suas mãos e pés, para me carregar como um cavalo. Assim saberei que não está me iludindo (Texto anônimo em latim, citado em Halldor Smith J. E. “Fílis cavalga Aristóteles, 2013).

Já no começo de 1590 vemos a imagem da dominadora diluída em outras Figuras de autoridade feminina, como a governanta, a mãe, a tia, a juíza etc. As escolas de flagelo vieram após os bordéis, focando única e exclusivamente em dominação, disciplina e *role-plays* (interpretação de papéis), o que hoje conhecemos como “masmorras” (*Idem*, p. 82).

Nem todas as mulheres que atuavam nessas escolas de flagelo se dedicavam exclusivamente ao ofício da dominação, sendo a grande maioria prostitutas. Mulheres como Kitty Fisher, uma cortesã londrina influente na sociedade, eram consideradas mulheres dominadoras, seja dentro dos bordéis e em suas relações íntimas, como na sociedade frente a maneira que influenciavam a moda e todos ao seu redor.

Abaixo, na Figura 3, um retrato pintado por Nathaniel Hone de Kitty, faz-se uma brincadeira com seu nome e os elementos da sua imagem. É possível ver um gato brincando num aquário, Kitty (gato) e Fish (peixe), para criar “Kitty Fisher” (*Ibidem*., p. 96).

Figura 3 – Retrato de Catherine Maria “Kitty” Fisher, cortesã e atris do século 18 (1763-1764), Nathaniel Hone.

Fonte: https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw02230/Kitty-Fisher?

As cortesãs disciplinadoras estavam entre as belezas de sua época, cujo gosto pela moda influenciou no gosto da Inglaterra pela moda. As mulheres usavam um *“Fanny Murray cap”* conforme a Figura 4, ao imitar o estilo da cortesã de usar um

chapéu de aro largo ou diziam estar vestidas no “estilo Kitty Fisher” de vestido (*bidem*, 2013, p. 96).

Figura 4 – Impressão, A Celebrada Fanny Murray por Thomas Ross, 1750-1760

Fonte: Coleção do Museu Britânico https://www.britishmuseum.org/collection/image/163088001 (Acesso em 08. maio 2022)

2.2. Primeiras influências na mídia e a criação do visual dominatrix na atualidade

Havia dificuldade de encontrar registros concretos da presença dessas dominadoras durante a primeira metade do século XX, tudo devido a sua maneira de trabalho discreta e fechada de operação sob codinomes como *“Mistress” e “Madam”*, costume que vinha já do século XIX. Na década de 1950 e 1960, seus anúncios se limitavam a pequenos cartões efêmeros colocados em janelas de tabacarias em Soho ou em orelhões (NOMIS, 2013, p. 122).

Em 1915, no cinema, vemos a criação do estereótipo da *vamp*, onde Kemp descreve-a como “retrato arrebatador da maldade feminina” (KEMP, *apud* ANACLETO, 2016, p.124). Sendo então a *vamp* uma das primeiras personagens a trazer o arquétipo da *dominatrix* para o cinema.

A partir da aparição da *vamp* no filme *Os Vampiros*, de Louis Faullade onde a atriz Jeanne Roques usa um macacão preto colado, vemos um vislumbre da moda fetichista que viria a se desenvolver ao decorrer dos anos seguintes.

Nomis (2013, p. 124) nos relata fatos importantes sobre as dominadoras do início do século e as imagens que encontramos sobre o período, alertando que muitas dessas imagens são oriundas de ensaios fotográficos onde as modelos eram atrizes e prostitutas posando com seus chicotes e espartilhos. Em sua grande maioria, essas imagens “posadas” vem do Biederer Studio, dirigido pelos irmãos Jacques e Charles Biederer. No entanto é a partir dessas imagens que inicia a formação do estereótipo da *dominatrix* atual.

Parte do legado das imagens de dominadoras legítimas vem de L. Richard e sua esposa, Nativa que juntos possuíam um negócio focado na venda de lingerie, fantasias e acessórios fetichistas de nome Yva Richard.

Nativa atuava não só como costureira, mas como modelo fotográfica do catálogo sob o pseudônimo de “Miss Milado” e “Helios”. Na Figura 5, Nativa posa usando um sutiã de cone cravejado e calcinhas feitas de aço, além de uma chibata. A pose e o look foram imitados por Betty Page num ensaio fotográfico para Irving Klaw mais de uma década depois, como ilustra na Figura 6.

Figura 5 - Nativa com as peças de metal

Fonte: https://omgthatdress.tumblr.com/post/655434264613126144/yva-richard-was-a-lingerie-company-started-in-the

Figura 6 - Betty Page usa sutiã cônico com referência a Nativa, dona da Yva Richards

Fonte: https://2.bp.blogspot.com/-Tcrdt1CmANU/WGXIldHEuII/AAAAAAAAECg/d_5OZ87h10AgrHZ62K077GTpw81cwT9lgCLcB/s1600/Bettie%2BPage%2Bcone%2Bbra.bondage.jpg

No cinema, vemos o filme *Maîtresse* (1975-1976), filmado em Paris e dirigido por Barbet Schroeder. O filme segue a relação de um homem com uma *dominatrix* e como referencial, uma *dominatrix* autêntica é contratada para prestar a consultoria necessária para uma representação fidedigna da personagem (NOMIS, 2013, p. 134).

Na Figura 7, vemos Bulle Ogier interpretando a personagem Ariane. Ela usa uma capa cor púrpura, cor essa que originalmente era a mais cara para uma roupa e consequentemente era reservada para a realeza e especificamente nesta cena, onde ele está mais puxado para o roxo ameixa, representa também riqueza e elegância (LURIE, 1997, p. 214) e o espartilho preto, peça que possui uma representação fálica.

Figura 7 - Frame do filme *Maîtresse* (1975-1976)

Fonte:https://thequietus.com/articles/10708-maitresse-barbet-schroeder-bfi-dvd

Steele (1997, p. 41) nos conta sobre o seriado de televisão de 1961 *Os Vingadores* e sua influência na popularização da moda fetichista, onde a atriz Diana Rigg usa um *catsuit* de couro, feito por John Sutcliffe (Figura 8).

Figura 8 - Diana Rigg como Emma Peel

Fonte: https://louderthanwar.com/wp-content/uploads/2020/09/Screenshot-2020-09-10-at-15.21.18-331x700.png

A estética do fetiche e da dominadora fazem seu caminho até os Estados Unidos pelas mãos de Charles Guyette, um designer burlesco que utilizava referências fetichistas e que dirigia uma loja de artigos fetichistas em Nova Iorque. Charles se torna a principal referência dentro da indústria de moda fetichista americana, e rumores alegam que chegou a ter sob sua direção um clube focado para esse público (NOMIS, 2013 p. 130).

Os elementos apresentados anteriormente colaboraram para a criação do arquétipo da *dominatrix* reproduzido a partir de 1930 (em *Maîtresse*, *Os vingadores* e

outras obras seguintes) até a atualidade. Enquanto as dominadoras do século XIX usavam roupas “fashionistas” como peles, luvas de ópera e lingerie a fim de agradar o interesse individual de seus clientes, a dominatrix do século XX adota um novo guarda-roupa com espartilhos, botas *thigh-high*, luvas de couro, látex e *stilettos* (*Ibidem*. p. 131).

3. SIMBOLOGIA DE PODER DENTRO DO VESTUÁRIO DA DOMINADORA

3.1. Símbolos fálicos

O fetiche está carregado de elementos fálicos. Segundo o psicanalista francês Jacques Lacan, o falo não é o mesmo que o pênis, sendo este uma parte do corpo podendo ou não estar ereto, enquanto o falo é um símbolo de poder eternamente ereto (STEELE, 2013, p.24).

Segundo Freud (*Fetishism*, p. 154 *apud* STEELE, p.23), o fetiche nasce a partir da percepção masculina da ausência do pênis da mãe enquanto criança e a partir desse conhecimento, o medo da castração nasce. Para o psicanalista, a única maneira pela qual o fetichista adulto pode superar sua aversão aos genitais femininos, é dotando-a com um símbolo fálico. Para Kaplan (*apud* STEELE, 1997), o homem precisa de um objeto inanimado, como uma bota de couro ou um espartilho, que atuará como “substituto fálico".

Como citado anteriormente nesse artigo, o falo é um símbolo importante desde a antiguidade, que carrega um significado de poder que transpassa para aquele que o possui. Nem homens e nem mulheres possuem verdadeiramente o falo, mas querem de alguma maneira o significado que ele traz.

No entanto Steele (1997, p. 51) nos apresenta uma segunda teoria sobre o fetiche onde apesar da origem fálica, ele rompe a ordem ao fixar a sexualidade longe dos genitais do sexo oposto e direcionando-a para um objeto inanimado. Esse conceito de rompimento com o falocentrismo possui aceitação acadêmica, mas o fato de que os próprios fetichistas tendem a ser intensamente “centrados no pênis”, mesmo que indiretamente permanece. Dentre os acessórios que podem vir a representar o falo, temos especificamente o espartilho e o sapato.

O espartilho foi um dos primeiros itens a ser classificado como fetichista. Steele (1997, p. 66) nos revela através de estudos e pesquisas que a crença popular da cintura de 40 centímetros é errônea e que ao buscar por tais “espartilhos extremos” no Costume Institute do Metropolitan Museum of Modern Art, descobriu espartilhos maiores do que o prometido pelos dados. Sendo assim, a cintura naturalmente fina, como mostra a Figura 8, era mais apreciada que o extremo dos *tight-lacers* fetichistas.

Figura 8 - Corsets vitorianos apresentados num catálogo

Harvard University - Baker Library. Harvard Business School / 1733019.xml

Fonte: https://curiosity.lib.harvard.edu/women-working-1800-1930/catalog/45-990092224440203941

Imagina-se que no mundo da representação de papéis sadomasoquistas, aquele que usa o espartilho seja sempre o escravo, mas o simbolismo desse item é mais complexo. A peça não necessariamente possui um tom sexual predeterminado, mas sim contextual e elaborado. A dominadora veste seu espartilho como uma armadura impenetrável, sua curvatura extrema e rígida que representa esse poder que o falo carrega, é o último insulto sexual ao escravo que pode olhar, mas não pode tocar (STEELE, 1997, p. 69).

Uma das primeiras estilistas a explorar seu misticismo é Vivienne Westwood com um referencial do século XVIII, como mostra a Figura 9.

Figura 9 - espartilho de sintético com reprodução da pintura de François Boucher de Dafine e Chloe no painel central.

Fonte: https://collections.vam.ac.uk/item/O71199/corset-vivienne-westwood/corset-westwood-vivienne/

Logo em seguida nos deparamos com Jean-Paul Gaultier, conhecido notoriamente pelo espartilho cetim rosa-ostra de seios pontiagudos desenhado para Madonna, como mostra a Figura 10. O estilista conta que o primeiro fetiche que fez foi um espartilho graças a sua avó e os espartilhos salmão que ela possuía em seu armário.

Figura 10 - espartilho desenhado para Madonna por Gaultier, com evidente referência a Nativa e Betty Page

Fonte: https://www.revistalofficiel.com.br/moda/madonna-corset-iconico-da-estrela-agora-pode-ser-alugado

É possível reconhecer a influência fetichista de Gaultier não apenas em peças de roupa, mas também nos sapatos que cria. O estilista explora as extravagâncias das botas de borracha aos saltos altíssimos (STEELE, p. 120).

Figura 11 – Salto vermelho com tornozeleira com estética fetichista

Fonte: https://www.fanpop.com/clubs/womens-shoes/images/21163451/title/jean-paul-gaultier-spr-2011-photo

O sapato é ao mesmo tempo um símbolo fálico e uma vagina na qual o pé fálico é inserido. A teoria freudiana sobre o sapato diz que ele se torna um fetiche porque é a última coisa que o garoto vê quando olha para cima, por baixo da saia de sua mãe, antes que seus olhos encontrem o genital feminino que ele acredita ter sido castrado (*Ibidem*, p.113).

Os sapatos de salto são fortemente associados a certos tipos de mulher sexualmente sofisticadas, enfatizando a ideia de uma personalidade naturalmente dominante e agressiva. “O pé se torna uma arma misteriosa que ameaça o homem passivo; e ele se envaidece de ser assim conquistado... Ele significa poder. Indica

dominação.” (High Heels, janeiro de 1962, p. 9-10). Os sapatos de salto alto e bico fino são considerados sexualmente atraentes em parte por fazerem as pernas parecerem mais longas e por produzirem o que antropólogos chamam de “corte pomposa” (LURIE, 197, p. 240).

Há também outras explicações etiológicas para o fetichista de sapatos, assim como Becker argumenta dizendo que o fetiche representa a ansiedade do ato sexual e funciona como uma válvula de escape que transforma a realidade em um ato transcendental.

> Caso 113, Fetichismo por sapato. O sr. Von P. de uma família antiga e nobre, Pole, trinta e dois anos de idade, me consultou em 1890, por causa da “antinaturalidade” da sua *vita sexualis*... Aos dezessete anos de idade ele havia sido seduzido por uma governanta francesa, mas o coito não foi permitido; de forma mútua excitação sexual intensa (masturbação mútua) foi todo o possível. Nessa situação sua atenção foi atraída pelas botas dela, muito elegantes... Os sapatos dele se tornaram um fetiche para o infeliz garoto... Ele fez com que a governanta tocasse seu pênis com os sapatos, e então a ejaculação, com sensação lasciva, foi imediatamente induzida (Krafft-Ebind, *Psychopathia Sexualis,* 1886, p. 261-262, *apud* STEELE, 1997).

É importante observar a presença da Figura da *dominatrix* como governanta francesa, personagem comum no âmbito fetichista do século XIX e já citada anteriormente nesse artigo. No relato apresentado por Krafft, o homem cria um fetiche por sapatos de salto de um preto brilhante.

Podemos notar aqui além do salto alto, a cor como símbolo indireto de poder. O preto neste contexto carrega um significado intenso de venerabilidade, e o branco, que às vezes aparece ou não no brilho, carrega o significado de nobreza (LURIE, 1997, p. 202).

Também em conjunto com o uso do salto, temos a bota que pode ser correlacionada com tanto com a masculinidade como com a feminilidade fálica. Nimrod escreve a EDM (1870, p. 254) sobre sua associação de mulheres de botas a amazonas, descrevendo que o uso das botas de hipismo deveria vir junto a de calças de camurça, deixando as esporar claramente visíveis (STEELE, 1997, p. 112).

Segundo relatos de Ann Magnuson (*apud*, STEELE, 1997, p. 117) a sensação de poder ao vestir as botas de couro envernizadas de salto fino de Marc Jacobs foi incrível. “Senti uma onda de poder, sabendo que eu podia acabar com qualquer homem que eu escolhesse destruir”.

Figura 12 – Fotografia de Charles Guyette de cena de adoração aos pés.

Fonte: The History & Arts of the Dominatrix, foto de Charles Guyette em meados de 1940.

3.2. Elementos masculinos

Como citado anteriormente nesse artigo, Charles Guyette se tornou referência dentro da indústria fetichista, ditando a nova tendência para as mulheres dominadoras incorporando mais elementos fálicos dentro de seu vestuário.

Uma de suas obras é uma produção fotográfica de "*pony-play*" como vemos na Figura 13, onde observa-se a dominadora sentada num carrinho de bebê modificado, usando um uniforme e botas de salto (NOMIS, 2013, p. 129).

Figura 13 – cena de *pony-play* onde a *dominatrix* usa uma espécie de uniforme

Fonte: The History & Arts of the Dominatrix, foto de Charles Guyette em meados de 1940.

Steele (1997, p. 188) argumenta que uniformes militares aumentam a atratividade de quem os veste graças ao uso de significados fálicos como botas e armas, e através da modelagem das roupas que acaba por enfatizar o corpo físico,

além de simbolizarem frequentemente autoridade, evocando fantasias de dominação e submissão.

Ao contrário da crença popular, roupas masculinas (ternos, uniformes militares, calças etc.) não são necessariamente superiores às roupas femininas, mas são simbolicamente mais poderosas. Ternos são afirmações do poder masculino (fálico) e se tornam ainda mais significativas quando são utilizadas pelo sexo feminino (*Ibidem*. p. 192).

Pensando nisso, podemos observar a adaptação que Yves Saint Laurent faz da alfaiataria masculina para criar conjuntos femininos com calça nos anos 1970 (Figura 14). Para a mulher que entra no mercado de trabalho e precisa demonstrar poder e confiança, o *power suit* que se segue nos anos 1980 era um escudo protetor de autoridade. As ombreiras grandes ajudavam a projetar a confiança ao mesmo tempo que o acinturado enfatizava a boa forma (MENDES; HAYE, 2003, p. 229).

Figura 14 – “Le smoking” dá poder a modelo, linguagem corporal acentuando a impressão de inacessibilidade. O conjunto da fotografia, da peça e da linguagem corporal dá impressão de masculinidade, e ainda assim, uma feminilidade fatal.

Fonte: https://www.icon-icon.com/en/helmut-newtons-photograph-of-le-smoking-by-yves-saint-laurent-2/

Fazendo menção novamente a Gaultier que segue combinando vestidos apertados e sutiãs cônicos a conjuntos masculinos ultraglamurosos para criar um visual poderoso e sexy, como ilustrado na Figura 15 (Ibidem, p. 242).

Esse entrelace de elementos, o sexy e o masculino, foi citado por Sarah Mower seguindo o argumento de que a moda dos anos 1990 corajosamente encorajava mulheres a usar sua sexualidade como instrumento de combate, dialogando com o argumento de que mulheres mais independentes podem adotar tanto a roupa masculina quanto as roupas que revelam mais o corpo (STEELE, 1997, p.193).

Figura 15 – Jean Paul Gaultier, primavera/verão 2013

Fonte: https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2013-ready-to-wear/jean-paul-gaultier/slideshow/collection#4

Yves Saint Laurent também se torna destaque nesse trabalho quando a pesquisa nos direciona ao couro, material que ele torna famoso nos anos 1960. O couro evoca o sexo masoquista e era uma assinatura “fashionista” da comunidade LGBT durante os anos 1970 (*Ibidem*, p. 166).

Figura 16 – Casaco de couro usado por Catherine Deneuve no filme “Belle de Jour” (1967)

Fonte: https://www.nytimes.com/2017/02/17/t-magazine/fashion/ten-looks-that-defined-yves-saint-laurent.html

O couro fornece um símbolo assegurador da sexualidade masculina viril, e como já visto anteriormente, um símbolo masculino quando usado por uma mulher se torna mais forte. Uma jaqueta de couro não somente disfarça as imperfeições do corpo, mas dá a sensação de poder e sexualidade, funcionando como um símbolo

fálico de masculinidade severa e brutal. Seu simbolismo é igualado a dor, poder, impulsos animalescos e predatórios.

4. MARCA

4.1. Persona e Arquétipo

A marca Sadique utiliza a sensualidade como matriz revolucionário, incentivando suas consumidoras a tomarem para si o controle de suas vidas. Criada para fugir do convencional, a marca nortea-se por três pilares principais sendo eles o empoderamento feminino, a liberdade e a valorização da mulher. O nome flerta com o estereótipo de “femme fatale”, brincando com o sadismo da mulher sedutora.

O empoderamento é visto como meio de trazer controle de volta as mulheres, podendo estar libertas das amarrar convencionais, finalmente livres para assumir a narrativa de suas vidas, tendo a coragem para assumir seus próprios prazeres e possuir sua liberdade e sensualidade. Tudo isso, valorizando todo tipo de mulher.

Utiliza-se o arquétipo da Amante para descrever a essência da marca e a partir disso e da entrevista com uma de nossas influenciadoras, Michelle Fermans, criou-se uma persona ideal para descrever a compradora da marca. Essa persona, apaixonada por poder, usufrui dele todos os dias. Dominatrix por profissão, é dona de seu próprio negócio. Possui traços de liderança que contribuem para sua profissão e sua vida pessoal.

Como fetichista, a roupa faz parte da experiência de prazer, e quando não está em suas típicas roupas de trabalho (vinil e látex), mistura a alfaiataria, a seda e o cetim para criar um visual poderoso e sensual.

Utiliza-se o arquétipo da Amante para descrever a essência da marca, e a partir disso e da entrevista com uma de nossas influenciadoras, Michelle Fermans, criou-se uma persona ideal para descrever a compradora da marca. Essa persona, apaixonada por poder, usufrui dele todos os dias. Dominatrix por profissão, é dona de seu próprio negócio. Possui traços de liderança que contribuem para sua profissão e sua vida pessoal.

Como fetichista, a roupa faz parte da experiência de prazer, e quando não está em suas típicas roupas de trabalho (vinil e látex), mistura a alfaiataria, a seda e o cetim para criar um visual poderoso e sensual.

4.2. Identidade Visual

A identidade visual da marca baseia-se no minimalismo elegante e sensual. As cores clássicas que são comumente atreladas ao fetiche traduzem a essência da marca. A romã, símbolo escolhido como logotipo de marca, é uma fruta afrodisíaca e de muito significado para o povo cigano, símbolo de prosperidade e fertilidade.

Figura 17 – Identidade visual da marca e instagram,

Fonte: Da autora, 2022

Foi escolhido utilizar apenas do Instagram para a comunicação visual da marca, evitando o TikTok e o Facebook.

Figura 18 – Peças de papelaria da marca.

Fonte: Da autora, 2022

4.3. Público Alvo: Singular Woman

Segundo Morace (*apud* GOMES, 2019, p.43) não se deve determinar um núcleo geracional apenas por sua idade, mas também por suas características e gostos pessoais. O público alvo são mulheres de 30 a 45 anos, independentes e audaciosas.

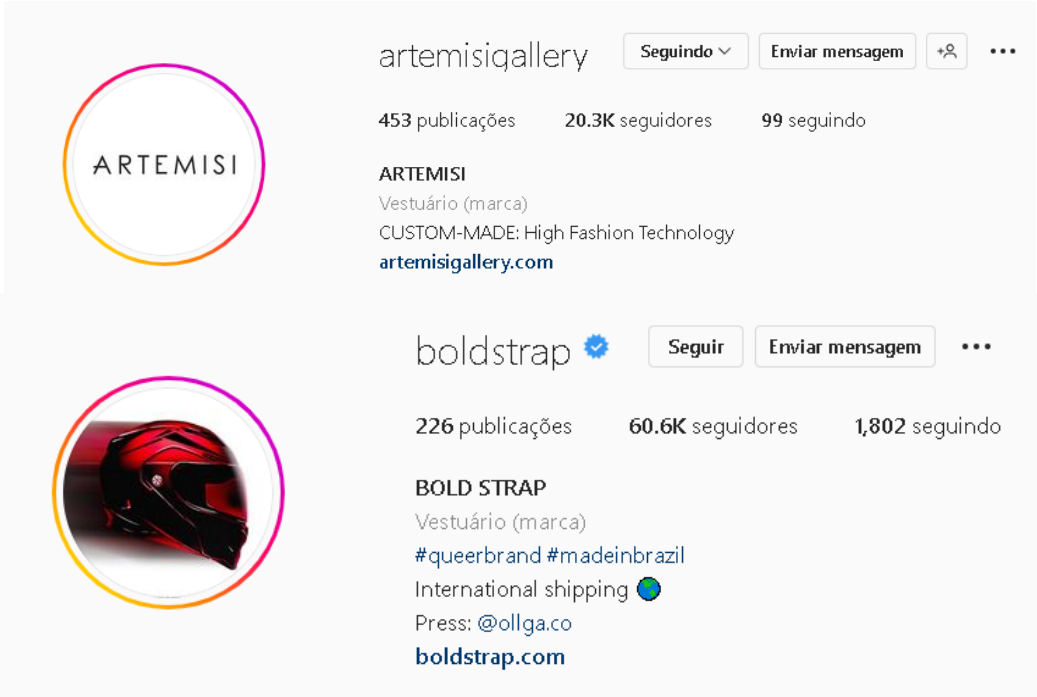
Possuem renda mínima de R$ 5mil e máximo de R$15mil, são apaixonadas pelo poder e pela moda alternativa, buscando sempre novas maneiras de se expressarem. Gostam de sair a noite, consomem redes sociais (Instagram e TikTok em sua grande maioria) e, em sua grande maioria, estão de alguma maneira ligadas a indústria de entretenimento adulto fetichista, seja por meio do trabalho ou por hobby.

Figura 19 – Painel de público-alvo

Fonte: Da autora, 2022

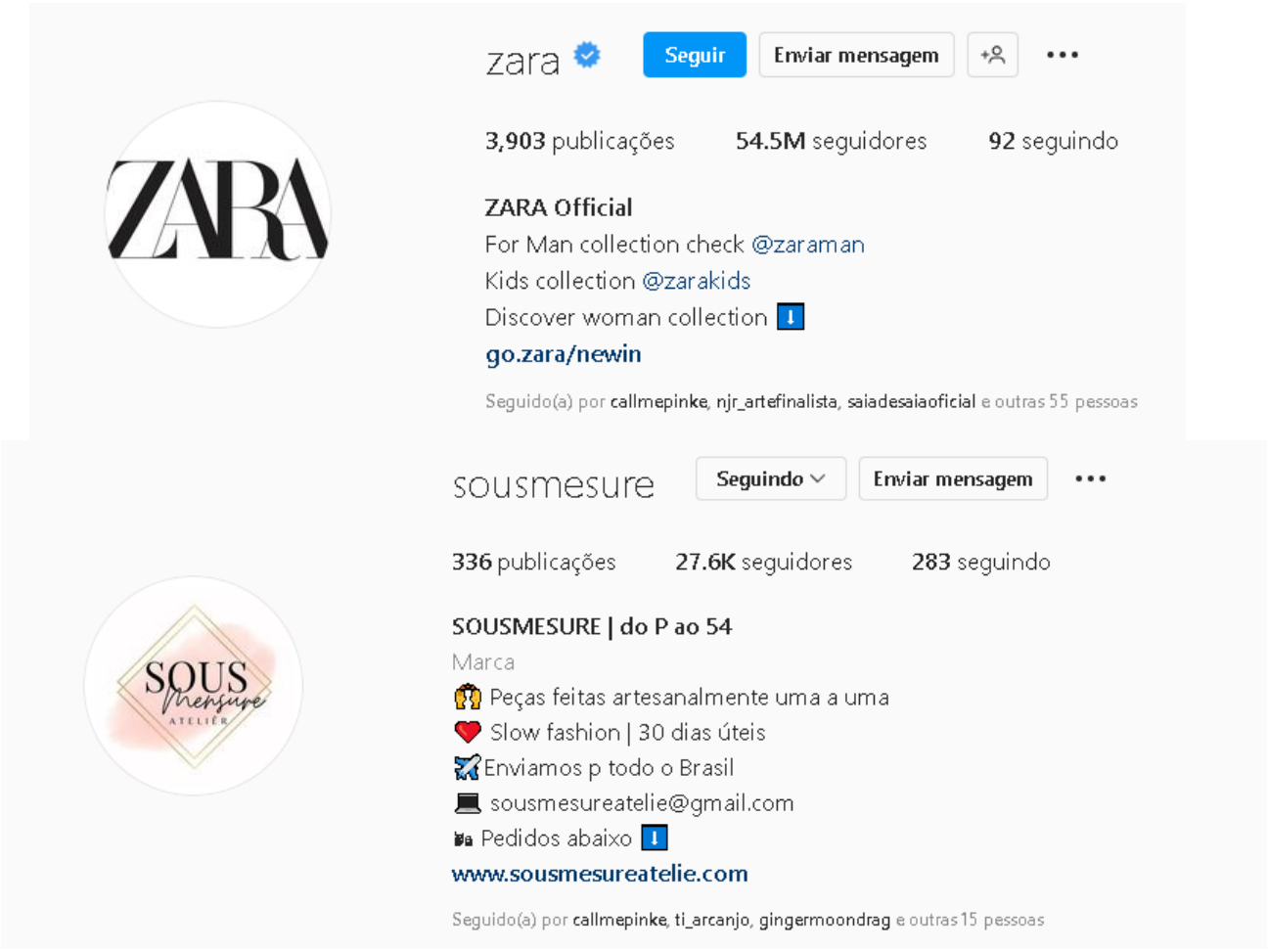
4.4. Concorrentes

Figura 20 – Concorrentes diretos



Fonte: Da autora, 2022

Figura 21 – Concorrentes indiretos

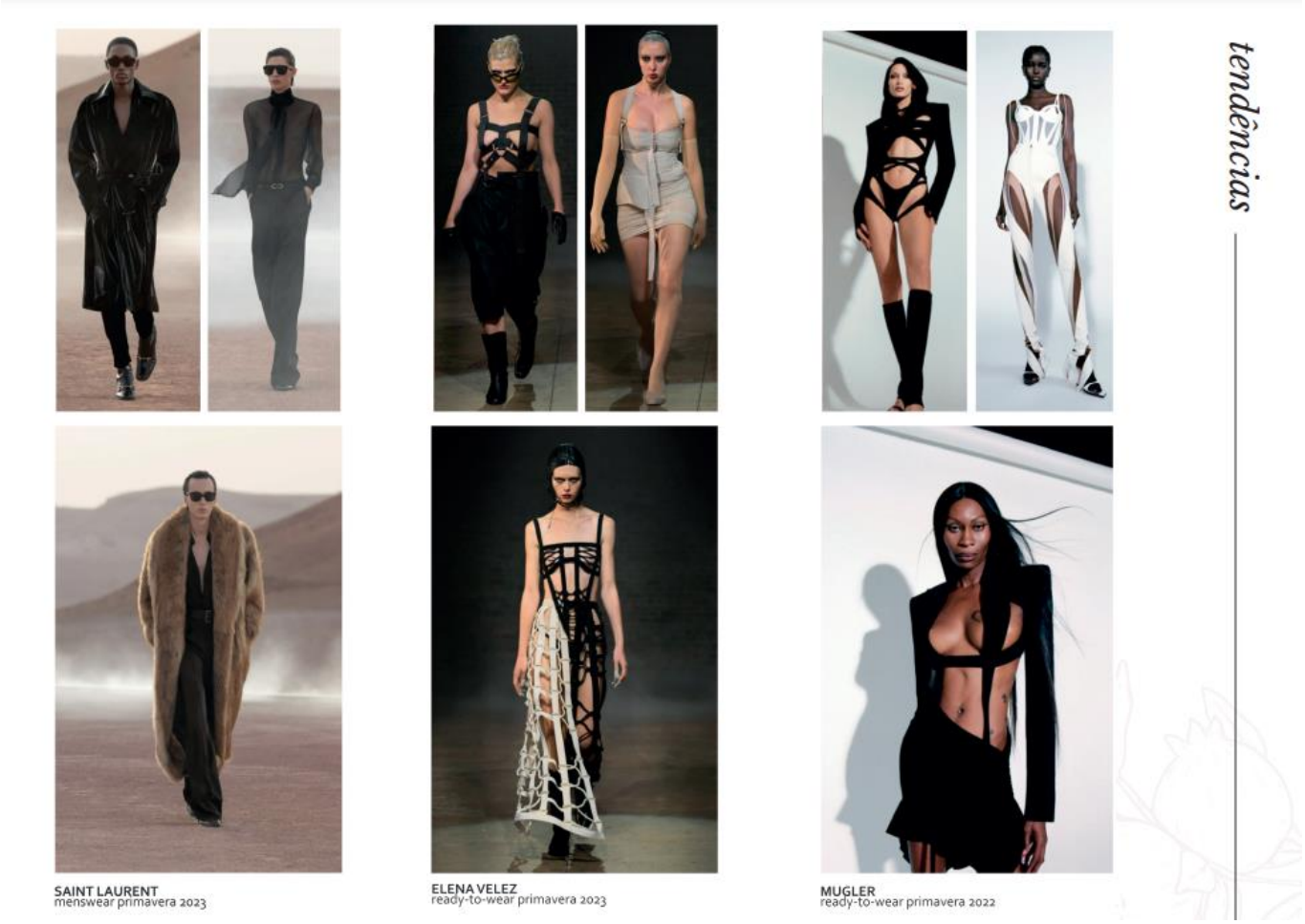


Fonte: Da autora, 2022

5. COLEÇÃO

5.1. Painel de Tendências

Figura 22 – Painel de tendências



Fonte: Da autora, 2022

5.2. Inspiração

Baseado na pesquisa que gira em torno de elementos de poder dentro do vestuário de uma dominatrix, a inspiração para coleção surge a partir dos elementos fálicos de poder dentro de seu vestuário.

O objetivo foi a criação de uma coleção elegante e sensual, na medida certa, para que as peças ainda que tivessem uma pegada de *fetishwear* ainda pudessem ser usadas no dia a dia, fora das “masmorras”. Bem distintas entre si e ainda assim parecidas, as famílias da coleção transitam entre a alfaiataria pesada e masculina,

reforçando a ideia do que entendemos como poder, até um drapeado com amarrações, referência a prática de *bondage*.

As cores utilizadas na coleção são as mesmas da identidade visual da marca, tudo isso para reforçar a sua essência, e por isso traz do nome de *“Le Sadique”* (A Sádica). Todas com significado próprio, o preto faz referência ao mistério e o oculto, o branco a riqueza e prosperidade, o vermelho ao fervor da excitação e do desejo e o roxo, uma homenagem ao filme “Maîtresse” de 1970, que traz um significado intenso, uma cor que transitou entre o que significava ser da realeza e possuir poder e que se tornou vulgar durante a década de 1980 e hoje em dia, é uma cor mística que vem aparecendo nas passarelas como uma referência ao ressurgimento de uma mulher mais poderosa em sua própria pele.

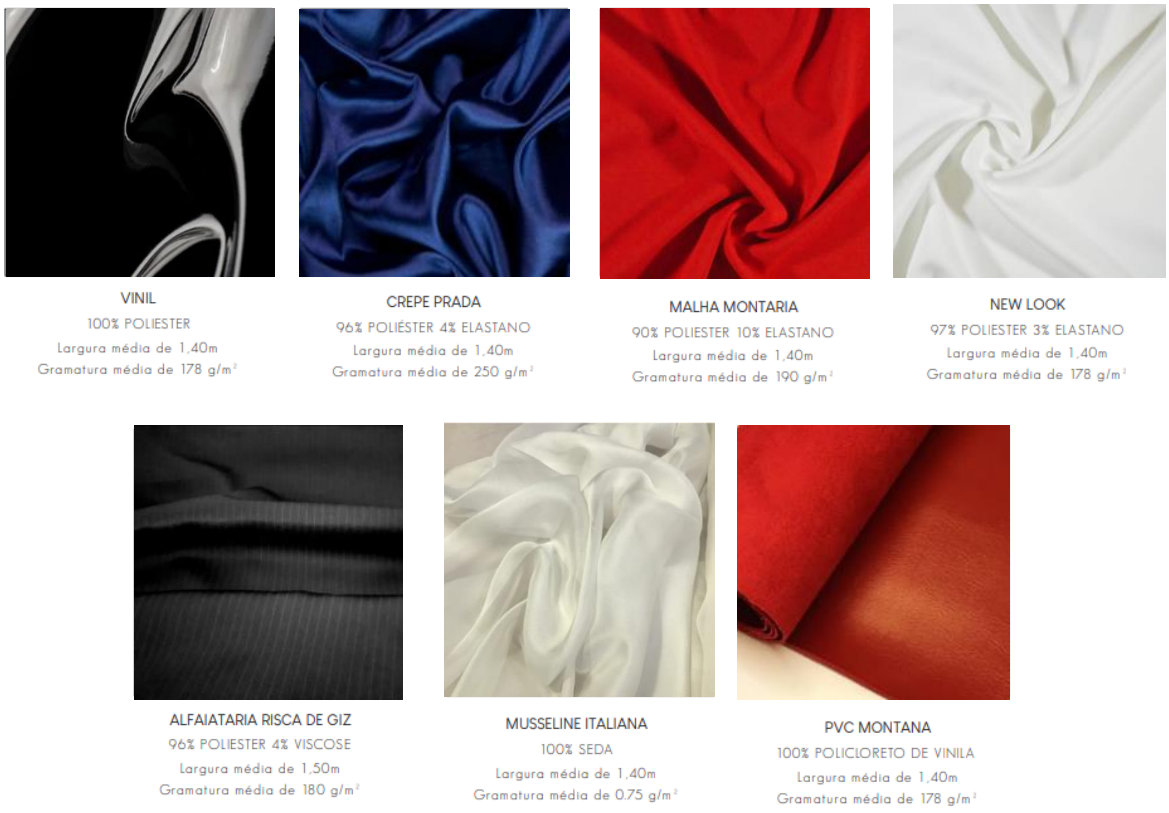
5.3. Paleta de Cores

Figura 23 – Paleta de cores

Fonte: Da autora, 2022

5.4. Matérias-primas

Figura 24 – Cartela de matérias primas



Fonte: Da autora, 2022

5.5. Mix de produtos e mix de moda

Figura 25 – Mix de produto, moda e precificação

	Básicos	Fashion	Vanguarda	Precificação
Blazers	1	1	-	**R$ 600 a R$ 850**
Camisas	-	1	1	**R$ 210 a R$ 370**
Calças	2	3	-	**R$ 210 a R$ 370**
Casacos	-	1	1	**R$ 700 a R$ 950**
Trench Coat	1	-	-	**R$ 750**
Macacão	-	1	1	**De R$ 400 a R$ 850**
Saia	2	1	1	**De R$ 170 a R$ 350**
Vestido	1	3	1	**De R$ 320 a R$ 1000**
Blusas	3	3	1	**De R$ 160 a R$ 350**
Bodysuit	-	-	1	**R$ 759**

Fonte: Da autora, 2022

5.6. Croquis

Figura 26 – Look 1 e 2

Fonte: Da autora, 2022

Figura 27 – Look 3 e 4

Fonte: Da autora, 2022

Figura 28 – Look 5 e 6

Fonte: Da autora, 2022

Figura 29 – Look 7 e 8

Fonte: Da autora, 2022

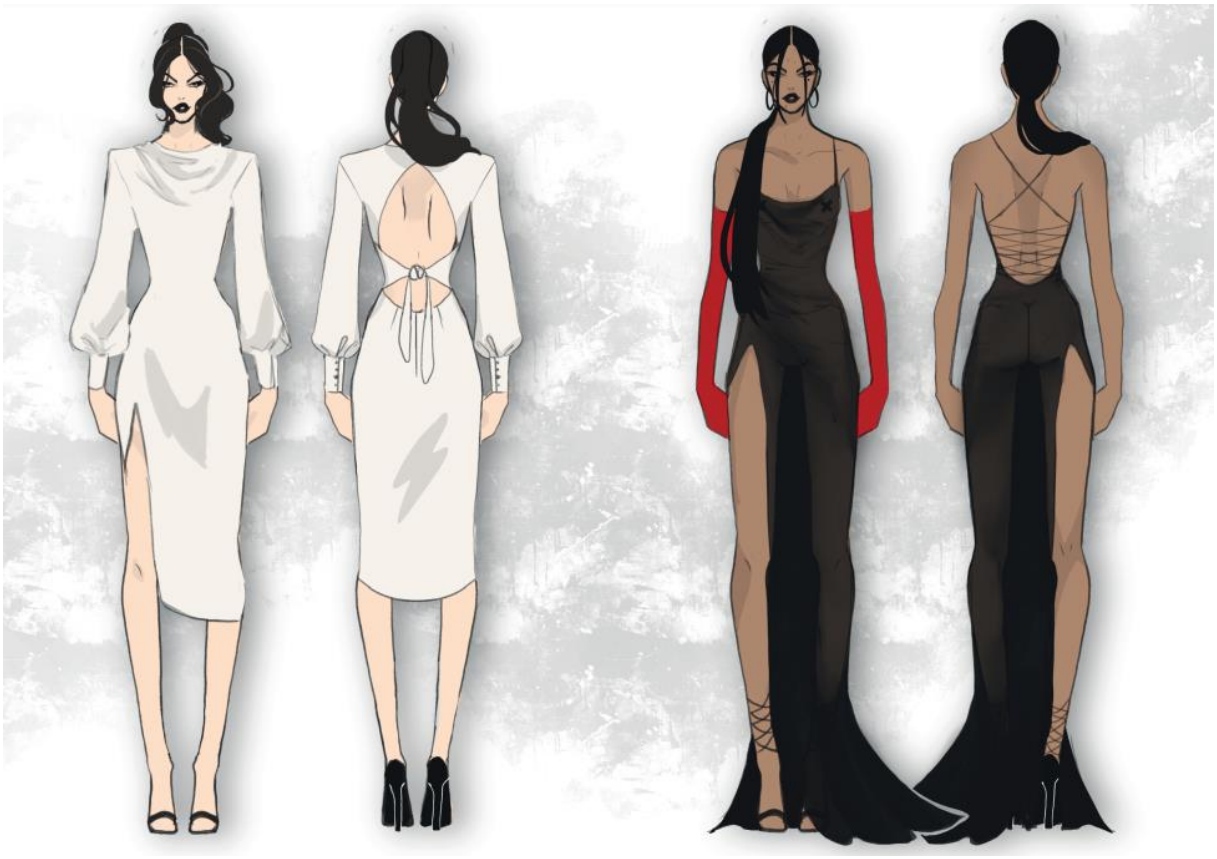
Figura 30 – Look 9 e 10

Fonte: Da autora, 2022

Figura 31 – Look 11 e 12

Fonte: Da autora, 2022

Figura 32 – Look 11 e 12



Fonte: Da autora, 2022

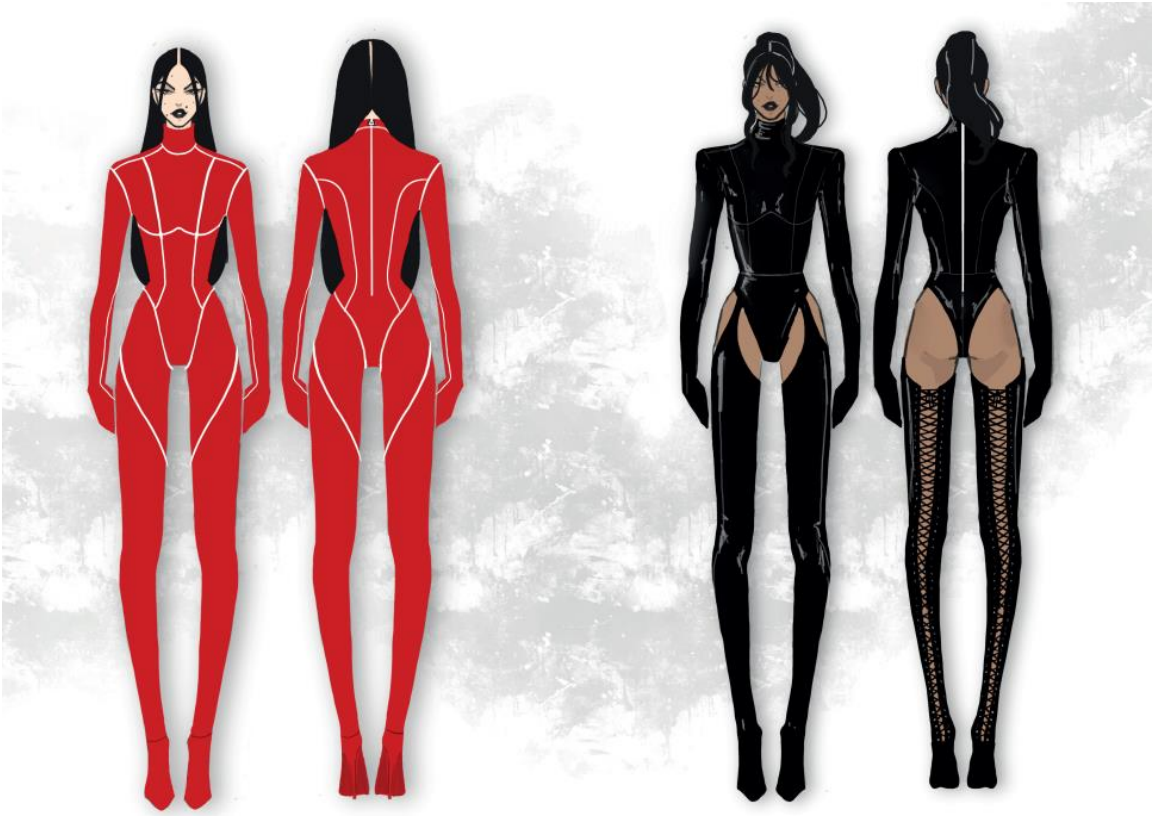
Figura 33 – Look 15 e 16

Fonte: Da autora, 2022

Figura 34 – Look 17 e 18

Fonte: Da autora, 2022

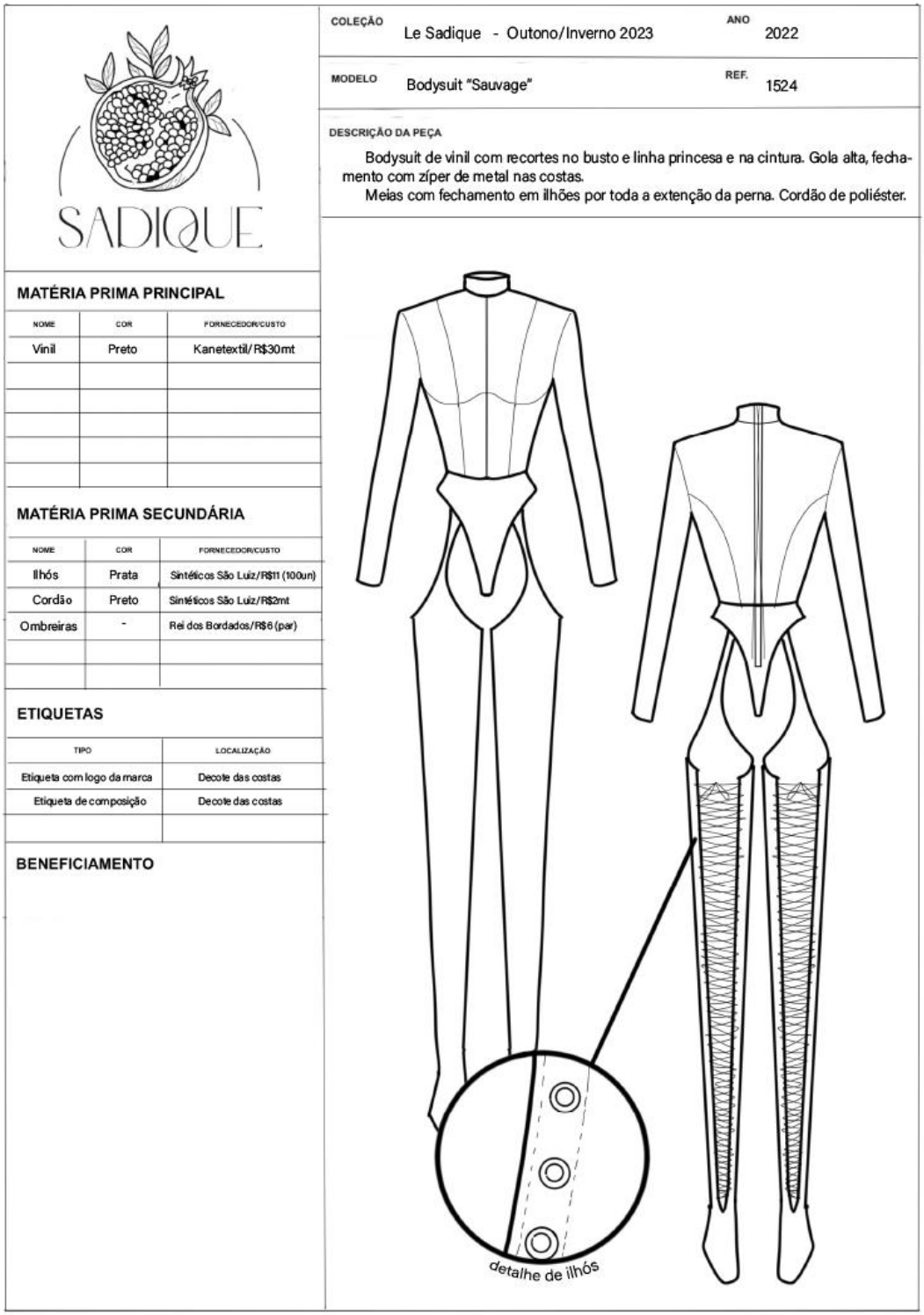
Figura 34 – Look 19 e 20



Fonte: Da autora, 2022

5.7. Fichas técnicas

Figura 35 – Ficha técnica (look 20)



SADIQUE

COLEÇÃO: Le Sadique - Outono/Inverno 2023 | ANO: 2022

MODELO: Bodysuit "Sauvage" | REF.: 1524

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Bodysuit de vinil com recortes no busto e linha princesa e na cintura. Gola alta, fechamento com zíper de metal nas costas.
Meias com fechamento em ilhões por toda a extenção da perna. Cordão de poliéster.

MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Vinil	Preto	Kanetextil/ R$30mt

MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Ilhós	Prata	Sintéticos São Luiz/R$11 (100un)
Cordão	Preto	Sintéticos São Luiz/R$2mt
Ombreiras	-	Rei dos Bordados/R$6 (par)

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Decote das costas
Etiqueta de composição	Decote das costas

BENEFICIAMENTO

Fonte: Da autora, 2022

Figura 36 – Ficha técnica

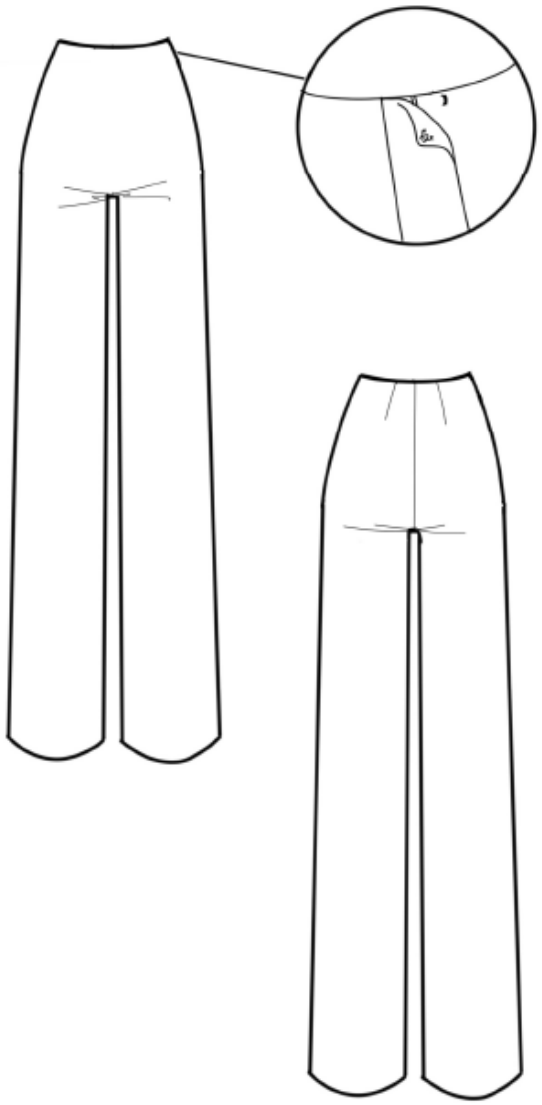
SADIQUE

COLEÇÃO: Le Sadique - Outono/Inverno 2023 | ANO: 2022

MODELO: Calça "Madam" | REF.: 5214

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Calça risca de giz com acabamento de barra com ponto invisível feito na mão. Fechamento com zíper lateral, com pequeno colchete no revel para esconder o zíper e dar melhor acabamento na peça. Cós interno e anatômico.



MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Risca de giz	Preto	Betel tecidos/R$60mt

MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Entretela	-	Rei dos Bordados/R$11mt
Zíper	Preto	Rei dos Bordados/R$2,5
Colchete	Prata	Rei dos Bordados/ R$6

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Lateral esquerda
Etiqueta de composição	Lateral esquerda

BENEFICIAMENTO

Fonte: Da autora, 2022

Figura 37 – Ficha técnica

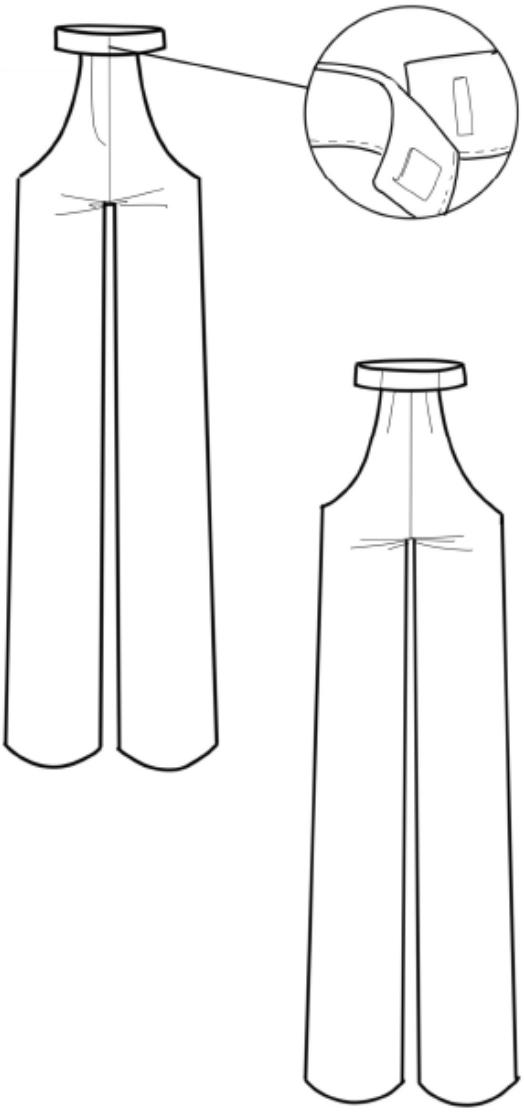
SADIQUE

COLEÇÃO: Le Sadique - Outono/Inverno 2023 | ANO: 2022

MODELO: Calça "Savage" | REF.: 4132

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Calça com corte em alfaiataria com fechamento invisível no cós e recortes laterais.



MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Prada	Roxo	Kanetextil/R$17mt

MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Ziper	Azul	Rei dos Bordados/R$2,5
Entretela	Azul	Rei dos Bordados/R$11
Fecho	Prata	Rei dos Bordados/R$3

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Cós traseiro
Etiqueta de composição	Cós traseiro

BENEFICIAMENTO

Fonte: Da autora, 2022

Figura 39 – Ficha técnica

SADIQUE

COLEÇÃO Le Sadique - Outono/Inverno 2023 ANO 2022

MODELO Top "Fever" REF. 1422

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Top em Montana vermelho com fechamento em fivela de rolete nas costas e nos ombros

MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Montana	Vermelho	Sintéticos S. Luis/R$70mt

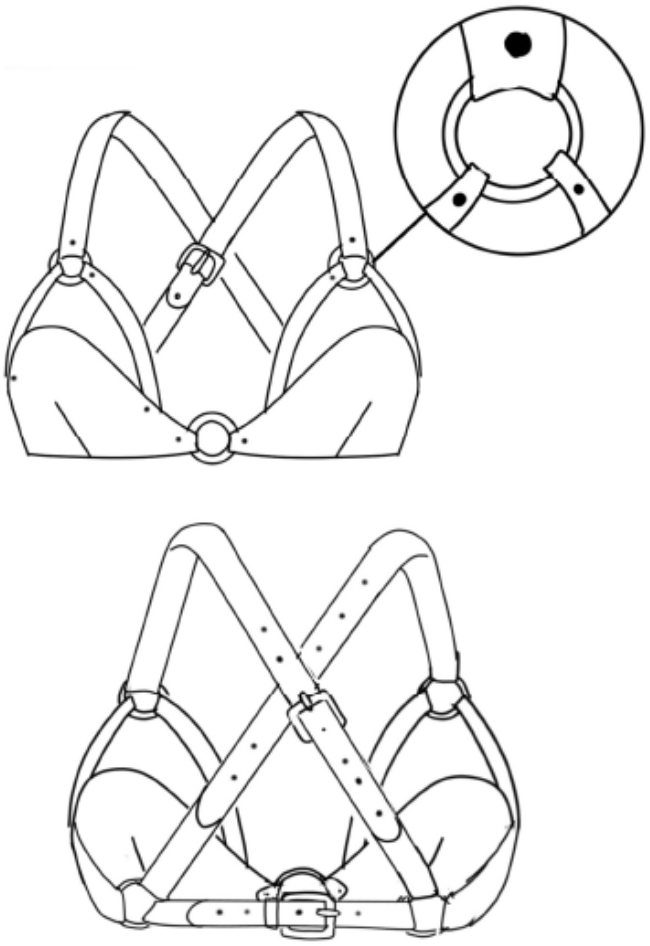
MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Argola 5mm	Prata	Sintéticos S. Luis/R$0,50un
Argola 3mm	Prata	Sintéticos S. Luis/R$1,00un
Fivela	Prata	Sintéticos S. Luis/R$2,5un
Rebite	Prata	Sintéticos S. Luis/R$11(100un)

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Decote das costas
Etiqueta de composição	Decote das costas

BENEFICIAMENTO



Fonte: Da autora, 2022

Figura 40 – Ficha técnica

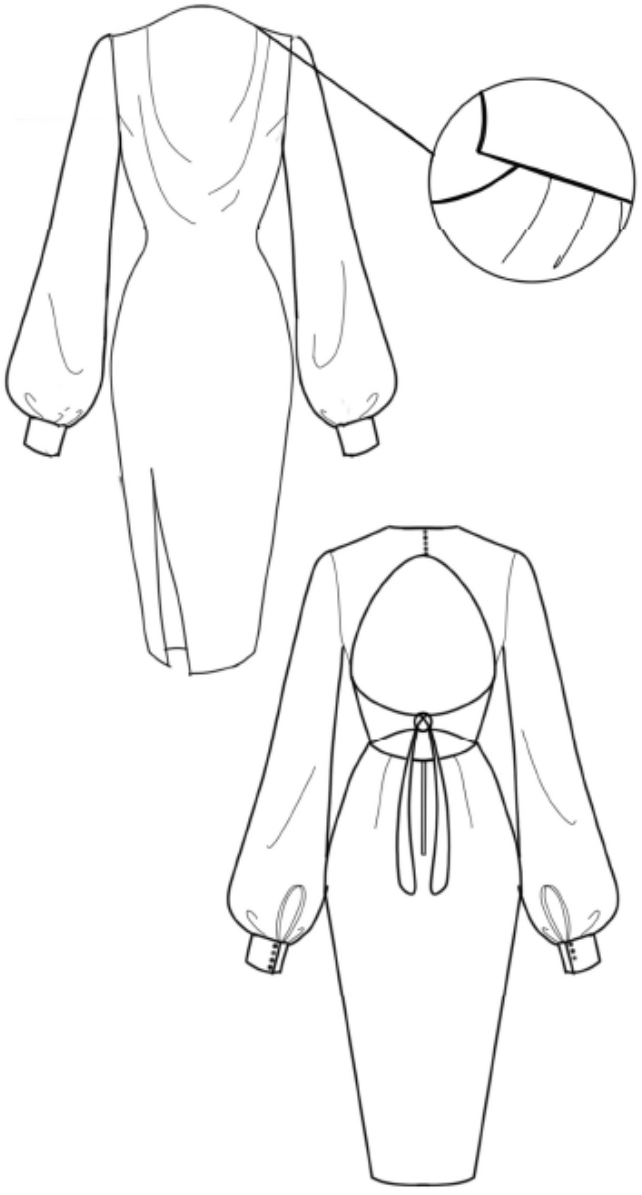
SADIQUE

COLEÇÃO: Le Sadique - Outono/Inverno 2023 | ANO: 2022

MODELO: Vestido "Femme" | REF.: 4132

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Vestido de crepe New Look com drapeado no ombro e mangas bufantes. Possui recorte na parte das costas e fechamento por amarração e botões forrados. Vestido todo forrado.



MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
New Look	Branco	Real Tecidos/ R$17mt

MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Entretela	-	Reidos Bordados/R$11mt
Ziper	Branco	Reidos Bordados/R$2,5

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Decote das costas
Etiqueta de composição	Decote das costas

BENEFICIAMENTO

Fonte: Da autora, 2022

Figura 41 – Ficha técnica

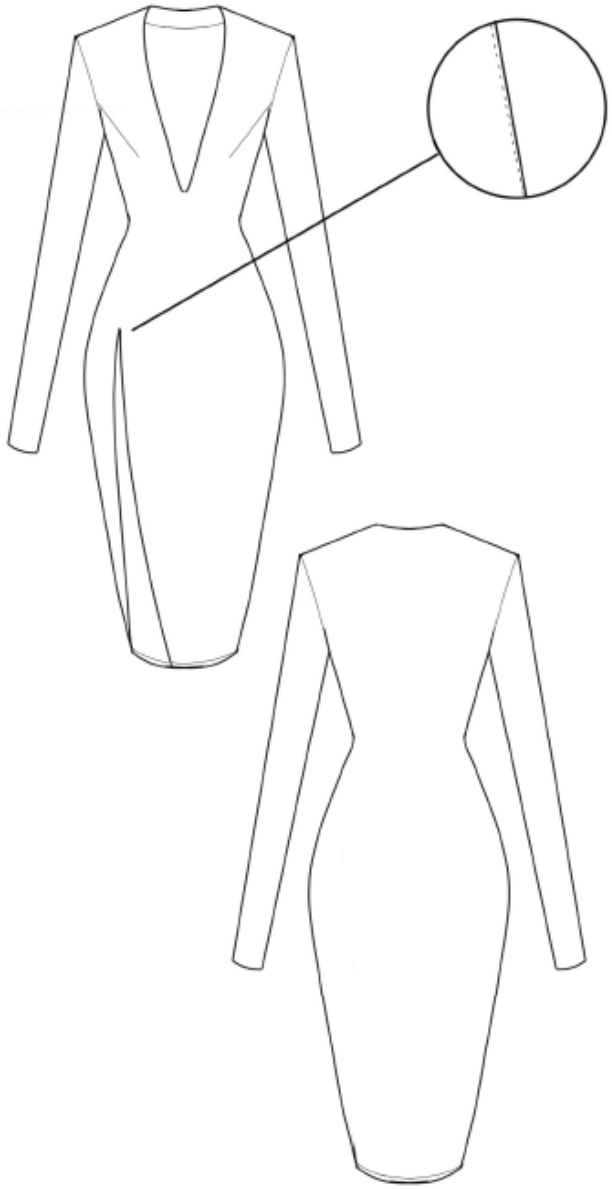
SADIQUE

COLEÇÃO: Le Sadique - Outono/Inverno 2023 | ANO: 2022

MODELO: Vestido "Fatale" | REF.: 0125

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Vestido de malharia pesada com frente dupla e fenda pespontada na direção do forro. Revel nas costas para acabamento no decote e barra de 1cm na peça toda.



MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Malha Montaria	Vermelho	Saia de Saia/R$17mt

MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Decote das costas
Etiqueta de composição	Decote das costas

BENEFICIAMENTO

Fonte: Da autora, 2022

Figura 42 – Ficha técnica

SADIQUE

COLEÇÃO: Le Sadique - Outono/Inverno 2023 | ANO: 2022

MODELO: Camisa "Sadique" | REF.: 13

DESCRIÇÃO DA PEÇA

Camisa de musselline de seda com frente dupra e colante na lapela/gola. Mangas 7/8 sem fechamento e fechamento frontal da peça com um botão de pressão.

MATÉRIA PRIMA PRINCIPAL

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Musseline de Seda	Off-white	GI Tecidos/R$35mt

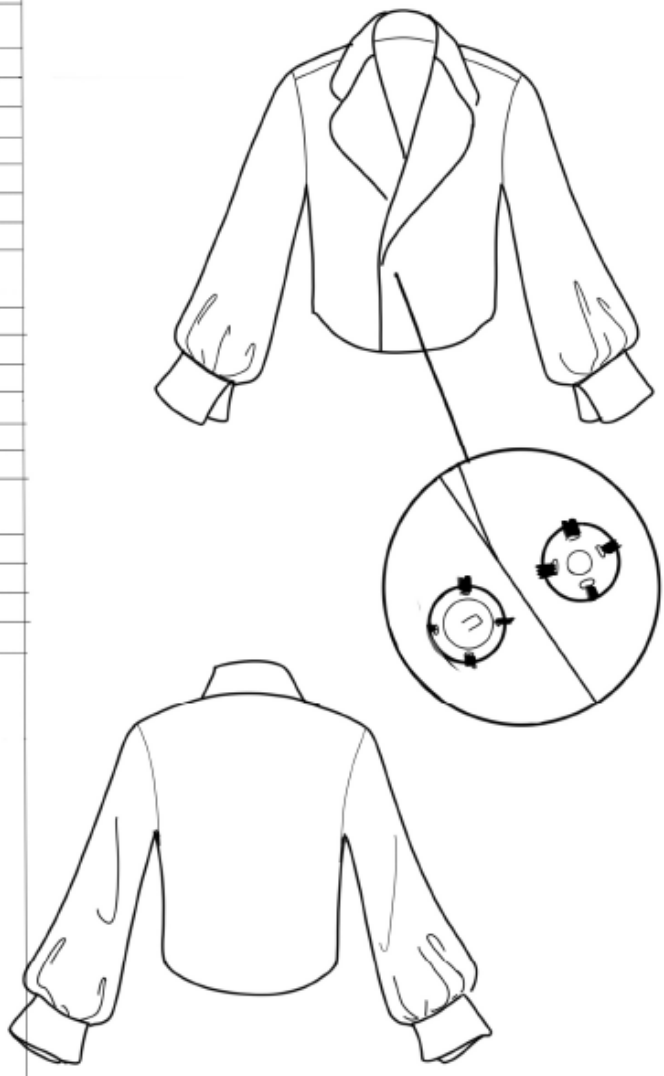
MATÉRIA PRIMA SECUNDÁRIA

NOME	COR	FORNECEDOR/CUSTO
Colchete de Pressão	Prata	Rei dos Bordados/R$8
Entretela	-	Rei dos Bordados/R$11

ETIQUETAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO
Etiqueta com logo da marca	Decote costas
Etiqueta de composição	Decota costas

BENEFICIAMENTO



Fonte: Da autora, 2022

6. ENSAIO FOTOGRÁFICO/EDITORIAL

Figura 43 – Editorial

Fonte: Da autora, 2022

Figura 44 - Editorial

Fonte: Da autora, 2022

Figura 43 – Editorial

Fonte: Da autora, 2022

Figura 43 – Editorial

Fonte: Da autora, 2022

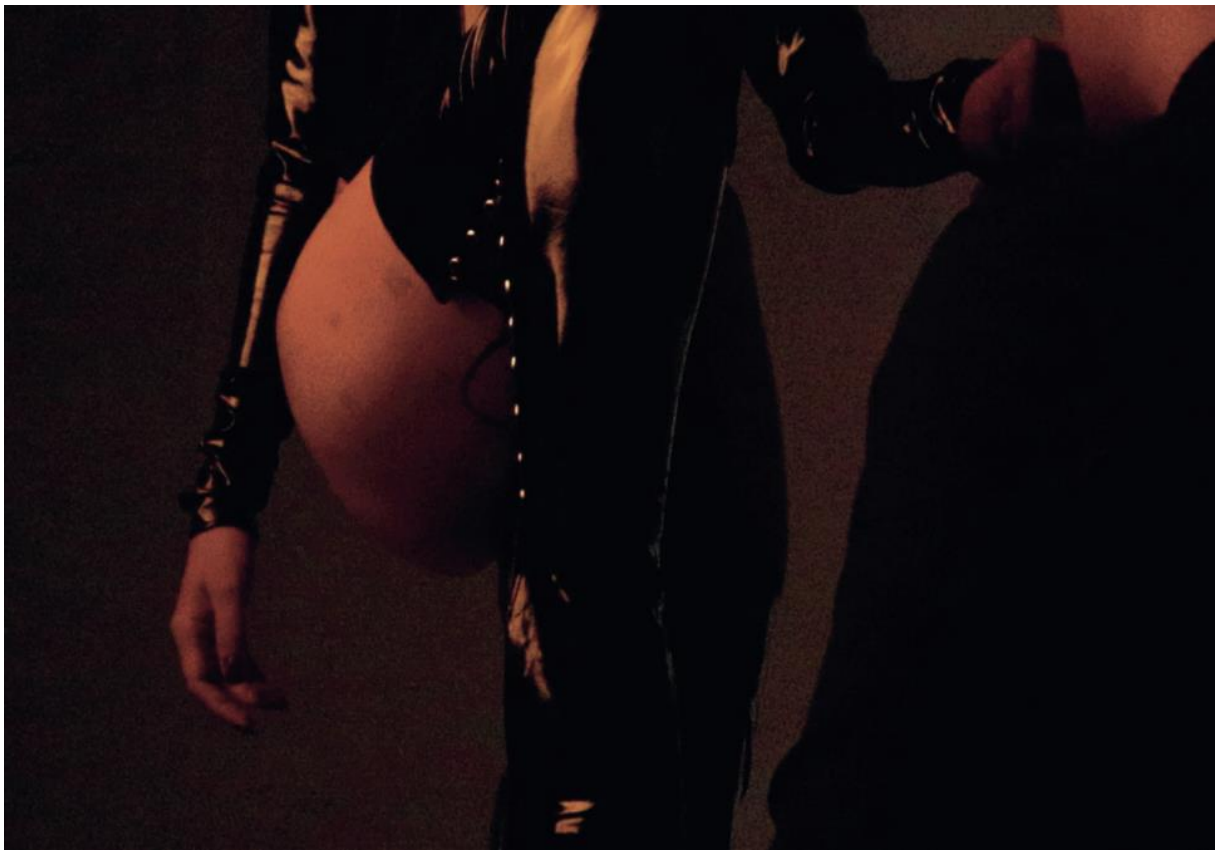
Figura 43 – Editorial

Fonte: Da autora, 2022

Figura 43 – Editorial

Fonte: Da autora, 202

Figura 43 – Editorial



Fonte: Da autora, 2022

7. CONCLUSÕES FINAIS

Com base nos signos de poder explorados desde o espartilho até os elementos masculinos citados como o terno e o couro, o objetivo de criar uma coleção fetichista tornou-se estruturado.

É notório que mesmo com as lutas atuais para a criação de uma sociedade menos falocêntrica, a presença do falo dentro do fetiche é indispensável, seja direta ou indiretamente (se formos tomar o falo como uma posição de poder). O falo está intensamente enraizado dentro dessa estrutura.

Algumas teorias foram descartadas durante a pesquisa por não se encaixarem no ideal proposto, já que muitas colocavam a mulher como objeto de fetiche e nunca como fetichista, descantando a ideia de que a mulher pode aproveitar tanto quando o homem essa troca de poder consensual que as práticas propõem.

Alinhado ao embasamento teórico, a coleção foi muito bem desenvolvida, com famílias que conversavam entre si e mantinham uma postura elegante e sensual, além

de poderosa, como foi escrito anteriormente nas conclusões parciais. Tanto coleção quanto marca e editorial estão bem amarrados e carregam uma narrativa muito forte.

Concluiu-se que, apesar das dificuldades passadas durante o período de pandemia e da falta de referencial teórico especializado em moda fetichista que estudasse mais profundamente o assunto, foi um trabalho satisfatório.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Ana; BONFIM, Flávia. **Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto.** Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/gpzcvrZkmPnjzNHCpFVNJ3w/?lang=pt Acesso em: 18 de maio 2022

FLÜGEL, J. C. **A Psicologia Das Roupas**. [*S. l.*]: Mestre Jou, 1966. 240 p.

MATTOS ANACLETO, Laura M. **O cinema americano das primeiras décadas do século XX e a construção de estereótipos femininos: Algumas análises.** [*S. l.*], p. 180, 27 jun. 2016.

MENDES, Alison. **A linguagem das roupas**. 1. ed. [*S. l.*]: Rocco, 1997. 288 p.

MENDES, Valerie; DE LA HAYE, Amy. **A moda do século XX**. 1. ed. [*S. l.*]: Martins Fontes, 2003. 314 p.

NOMIS, Anne O. **The History & Arts of the Dominatrix**. [*S. l.*]: Anna Nomis Ltd, 2013. 288 p. *E-book*.

STEELE, Valerie. **Fetiche - Moda, Sexo e Poder**. [*S. l.*]: Rocco, 1997. 244 p.

GOMES LEITE, Ana P. **Do comportamento à moda: Restrições das formas, desenhos, moldes e cores na moda masculina.** [*S. l.*], p. 98, 16 nov. 2019.